

Narrativa Autobiográfica: contribuição do Método Suzuki na ação de ser professor

Eunice Anália Soares Andrade Montanari

Universidade Estadual de Roraima(UERR)

eunicemontanari@uol.com.br

Rosangela Duarte

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

roduart1@hotmail.com

Resumo: O presente artigo é um recorte de uma pesquisa em andamento do curso de Mestrado em Educação e tem como objetivo narrar as contribuições do Método Suzuki que colaboram na formação continuada da autora. Para alcançar o proposto, a investigação é baseada no método de narrativas autobiográficas que busca analisar a inter-relação da formação continuada e o trabalho docente da autora e descrever as reflexões vivenciadas em sala de aula. A hipótese suscitada é de que através do estudo e da aplicabilidade da filosofia e do método Suzuki na prática de ser professor, de qualquer área de conhecimento, este pode vir a ser um educador mais consciente do seu papel social e profissional.

Palavras-chave: Narrativa Autobiográfica; Formação de Professor; Método Suzuki.

Introdução

Trajetória

Venho de uma educação musical formal e “tocar de ouvido” ou mesmo de memória era algo nada comum ou aceitável. Eu deveria tocar lendo a partitura, pois, o domínio da leitura era a primeira habilidade musical de um aluno.

Iniciei meus estudos de piano em Boa Vista em 1984, na Escola de Música de Roraima - EMUR, aos 11 anos. Tinha aulas de prática instrumental, teoria musical e canto coral, tudo com base na educação musical formal e tradicional. Para uma criança dessa idade, os símbolos da escrita da música, os conceitos de som, timbre, altura, intensidade e tantas outras nomenclaturas não faziam sentido porque eram passados de forma separadas, teoria e prática

não estavam associadas e esse processo dificultava a compreensão lógica desses conceitos.

Me formei no Curso Técnico de Piano em 1995 e nesse período de 11 anos iniciei minha trajetória como professora de música primeiramente como monitora nas aulas de teoria musical e posteriormente nas aulas de piano. Concluí o ensino médio, ingressei no curso de Licenciatura em Biologia, pois não havia o curso de Música em Boa Vista, e prestei concurso para Professor da rede Estadual de Educação passando a fazer parte do quadro de professores da Escola de Música de Roraima.

O reflexo da minha didática era uma cópia da minha formação. O aluno tinha que ler e tocar, não ouvir gravações das peças que estudavam, evitar “tocar de ouvido” e seguir estritamente o que estava escrito nas partituras.

Em março de 2014 ingresso no Curso de Licenciatura em Música da UnB e estudei sobre os métodos ativos da pedagogia musical que surgiram na primeira metade do século XX em vários países e difundidos no Brasil, por volta de 1950. Dalcroze (1898-1950), Kodály (1882-1967), Willems (1890-1978), Orff (1895-1982) e Suzuki (1898-1998) desenvolveram seus métodos de educação musical e esses são usados com frequência no contexto escolar. Foi a partir desse curso que minha percepção sobre educação musical se ampliou. Concluo essa licenciatura no ano de 2017.

Em novembro de 2015 vejo no mural da Escola de Música de Roraima um cartaz sobre o curso de Filosofia Suzuki. Pensei, então, que seria uma oportunidade para poder compreender como realmente funcionava esse método de forma mais aprofundada.

Hoje tenho certeza que as informações que tinha sobre esse método eram equivocadas e as pessoas que diziam usar o método apenas utilizavam o repertório Suzuki. Minha prática pedagógica mudou totalmente e a primeira habilidade de um aluno de música não é mais ler para tocar, mas é ouvir para tocar.

A partir da participação no curso de Filosofia Suzuki, minha concepção sobre a educação musical mudou porque percebi que o processo de ensino e de aprendizagem devem ocorrer por etapas e isso só veio a contribuir para uma prática pedagógica mais prazerosa. Com o objetivo de estudar e vivenciar esse método tenho participado pelo menos de uma

formação continuada no método Suzuki por ano, aqui no Brasil. Foram eventos que aconteceram em São Paulo, no Centro Suzuki de Educação, em São Bernardo do Campo na Escola de Educação Musical Klavier. Por meio dessas formações, a reflexão sobre minha prática pedagógica foi analisada não apenas por mim, mas também pelo grupo de professores que coordenaram esses encontros e pelos colegas que participaram. Desde então venho pesquisando e estudando como o Método Suzuki colabora no aumento de habilidades que permitem a criança se desenvolver não apenas musicalmente, mas também nas demais áreas do conhecimento.

Questionamentos sobre o método Suzuki

Durante a trajetória como professora de música ouvia sobre crianças Suzuki e suas performances que chamavam muito a atenção por apresentarem técnica aprimorada, qualidade sonora, controle emocional ao tocar em público e a pouca idade desses pequenos músicos. Apesar de perceber que tocavam bem, eu me questionava sobre: Como era possível executarem tão bem e de memória as obras? Será que eles liam essas partituras? Minha pouca informação sobre o método me fez concluir que era por meio da mímica e da repetição que aquelas crianças tocavam com tanto primor, pois observei que algumas não sabiam ler partituras, como se somente isso fosse o pré-requisito para ser um bom músico.

O método Suzuki

O método Suzuki surge no Japão no ano de 1948, logo após a segunda guerra mundial, por meio do violinista Shinichi Suzuki que desenvolveu seu método de educação musical baseado na língua materna. Esse método também é conhecido como Educação do Talento, pois para Suzuki o talento é algo que se constrói com a experiência vivida, que não existe o “dom musical”, porém a criança deve ter um ambiente adequado, pois que a incentivem, contato com outras pessoas que toquem.

Conforme afirma Suzuki (2008):

Um dia, o princípio da Educação do Talento, baseado na maneira como se aprende a língua materna, vai certamente mudar o rumo da educação. Ninguém ficará para trás e, baseado em amor, ele desenvolverá a verdade, a alegria e a beleza como parte do caráter da criança. Se nada mais conseguir, pelo menos ensinará às crianças, durante os nove anos da escola compulsória, a terem calor humano e prazer em fazer as coisas boas para os outros. Pode-se educar pessoas assim (SUZUKI, 2008, p. 79).

Shinichi Suzuki nasceu em 18 de outubro de 1898, em Nagoya, Japão. Seu pai tinha uma fábrica de violinos e Suzuki trabalhava nela como administrador, porém um dia escutou a Ave Maria de Schubert e se encantou com o som daquele instrumento. Aos 17 anos ele começou a tocar violino de maneira informal, porque não havia professor desse instrumento no Japão. Então, Suzuki ouvia as músicas e as tocava de ouvido. Percebendo que precisava de um professor para ensiná-lo foi para Berlim estudar com o professor Karl Klinger durante 8 anos. Nesse período, ele se tornou amigo de Albert Einstein. Ao retornar ao Japão, em 1928, fundou o Suzuki Quarteto com três de seus irmãos.

A descoberta do método da língua materna, ou da educação do talento, surge por volta de 1931 ou 1932, após uma aula de violino para jovens no Conservatório Imperial do Japão. Um pai procura Suzuki para que este ensine seu filho de 4 anos a tocar. E os questionamentos foram naturais, pois Suzuki nunca havia ensinado uma criança antes. No entanto, como fazer com que aquela criança tocasse? Que método usar? Foi quando um pensamento surgiu: “Todas as crianças japonesas falam japonês!” (SUZUKI, 2008, p. 10). Lógico que as crianças falam suas línguas maternas, mas a questão é: Como elas aprendem?

Pensando assim, Suzuki começou a refletir sobre o processo de aprendizagem das crianças. Quando um pai ou uma mãe ensina seu filho(a) ele repete as palavras certas inúmeras vezes e toda vez que a criança começa a falar, mesmo que balbuciando os pais a elogiam e a incentivam a repetir cada vez mais até que a criança fala, aumentando assim seu vocabulário. Ou seja, a repetição incentivada gera a motivação e o sucesso acontece, consequentemente a criança se sente valorizada no processo de ensino e de aprendizagem. Não aprendemos as letras antes de falar. E assim o método Suzuki, que surgiu com o objetivo de ensinar crianças pequenas a tocar violino, tem hoje sua aplicabilidade em quase todos os instrumentos.

Suzuki no Brasil

Segundo Penna (1998a), Luise Maria Gassenmayer, Irmã Wilfred, como era conhecida, nasceu em Viena em 1921 chegando no Brasil em 1949, naturalizando-se em 1961. Em 1973 foi à Matsumoto conhecer pessoalmente Shinichi Suzuki e ter aulas com ele para

compreender a aplicação do método. A partir de 1974 iniciou-se em Santa Maria, com aproximadamente dez alunos de violino, crianças a partir de três anos de idade, a primeira experiência efetiva da aplicação do Método Suzuki no Brasil” (PENNA,1998a, p. 36).

O trabalho continuou com professores de violino que foram sendo capacitados primeiramente fora do Brasil, no Japão e nos Estados Unidos. Com o desenvolvimento do método para outros instrumentos e também com a oferta de capacitações dentro da América Latina, muitos professores hoje aplicam essa metodologia para crianças e adultos em quase todo o Brasil.

Problematização e Justificativa

A busca em elaborar questionamentos adequados e que instigue o aluno a dizer onde corrigir e como fazer isso pode ser revelado em respostas que permitissem ressignificar minha ação pedagógica intervindo de forma mais consciente, visando a promoção qualitativa no aprendizado do aluno. Partindo dessa compreensão de que um educador deve estar em processo de educação continuada, se qualificando, é que surge o problema de pesquisa desse trabalho: Quais as contribuições que o Método Suzuki promove na ação de ser professor?

Dentro dessa perspectiva de construção e reconstrução da ação pedagógica busco como “professora-narradora-autora” (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 370) a minha formação, o meu prazer profissional e a reflexão sobre o processo de autoformação.

Objetivos da Investigação

A pesquisa pretende narrar as contribuições do Método Suzuki que colaboram na formação continuada da autora. Para alcançar o proposto, pretende-se analisar a inter-relação das capacitações de professores Suzuki e o trabalho docente da autora bem como descrever as reflexões vivenciadas em sala de aula.

Procedimentos Metodológicos

Caracterização da Pesquisa

O presente estudo é uma pesquisa em andamento realizada pela autora e ancora-se nos princípios da investigação qualitativa.

A metodologia qualitativa permite a exploração de novas direções, incluindo o estudo do currículo operacional e vivenciado, ou os estudos etnográficos

da música inserida numa comunidade, ou estudos fenomenológicos dos ouvintes, dos compositores e dos músicos, e os estudos formativos à cerca do uso de materiais curriculares e inovações tecnológicas em música. Isto é só o começo, e o campo de estudos parece estar aberto para novas e excitantes questões para explorar, no intuito de alcançar um conhecimento mais aprofundado da educação musical na sua variedade de contextos culturais, institucionais e pessoais (BRESLER, 2000, p.17)

Adotei a abordagem de investigação qualitativa como base teórica para a realização do trabalho de campo e a análise dos dados, de forma que se estabeleça coerência nas conexões estabelecidas em todas as etapas da pesquisa. A opção por esta metodologia atrela-se à necessidade de se ter como ponto de partida o quadro referencial do próprio sujeito do estudo/autora, cabendo à pesquisadora interpretar o significado da ação humana e não apenas em descrever comportamentos.

De acordo com Santos (1991) o método narrativo autobiográfico surge de uma transição paradigmática, ou seja, uma mudança no fazer científico que rompe com a proposta positivista e cartesiana das ciências sociais onde o mundo e as relações só poderiam ser explicados no âmbito do macro e não do micro, das pequenas partes. O subjetivismo e o caráter heurístico são os pontos chaves de uma pesquisa autobiográfica. “As nossas experiências e histórias pessoais moldam nossas concepções[...] ratificam nossas experiências[...]” (SANTOS, 1991, p. 21). Assim sendo, há muitas histórias na história de uma pessoa.

Segundo Nóvoa e Finger (2010, *apud* SANTOS e GARMS 2014), Delory-Momberger (2011) e Bueno (2002) o método autobiográfico surge na Alemanha no final do séc. XIX e passa ser aplicado sistematicamente como metodologia por sociólogos americanos da Escola de Chicago a partir de 1920.

O movimento biográfico na educação é recente no Brasil como confirma Passeggi, Souza e Vicentini (2011) tendo seu início no ano de 1990.

Esses trabalhos, baseados nas histórias de vida como método de investigação qualitativa e como prática de formação, procuram identificar, nas trajetórias de professores, questões de interesse para a pesquisa educacional, entre as quais: as razões da escolha profissional, as especificidades das diferentes fases da carreira docente, as relações de gênero no exercício do magistério, a construção da identidade docente, as relações entre a ação educativa e as políticas educacionais. Intentam dar a conhecer, também, o modo pelo qual os professores-narradores-autores representam o próprio trabalho de biografização (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 370).

A valorização das pequenas histórias, de pessoas comuns, como pesquisa científica que contribui no processo de formação surge como uma necessidade de se romper com uma proposta de fazer ciência apenas na observação holística, que busca as respostas no resultado objetivo sem perceber que dentro desse macrocosmo existe o sujeito que tem experiências e que não é apenas um número, uma porcentagem ou uma taxa que faz parte de resultados como se esse, sujeito, agisse, pensasse e percebesse o mundo de forma igual. A ciência se faz também na diferença mínima, na subjetividade, no ser, no “eu”.

Vários são os autores que trazem o Método Narrativo Autobiográfico como sendo mais uma proposta para a formação de professores. Na sequência trago alguns destes:

Gabriel (2011) discorre sobre a importância das histórias de vida como fontes de pesquisa em seu livro “Narrativa autobiográfica como prática de formação continuada e de atualização de si” quando diz que:

Os pesquisadores da Escola de Chicago se interessavam pelas fontes empíricas, porque acreditavam que as informações seriam mais fidedignas ao se considerar o ponto de vista do sujeito. Os dados da pesquisa seriam os documentos de ordem pessoal, dentre eles as “autobiografias”, a correspondência pessoal, os diálogos e os relatos. Como procedimento de pesquisa, os pesquisadores se utilizavam de técnicas de observação, entrevistas, testemunhos e “pesquisa participante” (GABRIEL, 2011, p.40).

De acordo com Fabre (2011) existem questionamentos sobre a ação e a produção que são confrontadas nas pesquisas com esse perfil.

Fazer de sua vida uma obra supõe então dar sentido à sua história, refletir sobre os acontecimentos e os atos[...]. Mas é, sobretudo, por um olhar retrospectivo inseparável de um projeto de vida, de reapropriação de seu esforço para existir, de seu desejo de existir. Em outras palavras, precisamos passar de uma filosofia da consciência plenamente maravilhada da certeza de minha existência a uma filosofia reflexiva que traz o questionamento sobre o que eu sou de fato (FABRE, 2011, p. 356).

Frison e Simão (2011) destacam que o centro da pesquisa autobiográfica é o ser humano e que ao narrar os fatos de sua vida reflete o seu processo de autoformação, ressignificando experiências e vivências. Escrever a sua própria história requer exercitar suas habilidades de memória, de orientação temporal e espacial, compreender seus limites e sentimentos resultando assim numa ação refletida, ou seja, na mudança de sua prática, quer seja na vida profissional quer seja pessoal.

É a narrativa que faz de nós o próprio *personagem* da nossa vida e que dá uma *história* a nossa vida, em outros termos, não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; pelo contrário, temos uma história porque temos a narrativa da nossa vida (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 341).

De acordo com Passeggi, Souza, Vicentini (2011) deve-se aprofundar cada vez mais sobre as pesquisas autobiográficas e que as mesmas têm um grande valor na formação, seja inicial ou continuada, de professores já que destaca esse profissional como sujeito e objeto analisado no contexto da pesquisa científica.

O interesse é aprofundar a perspectiva teórico-metodológica da pesquisa (auto)biográfica que dá sequência ao movimento das histórias de vida em formação, inaugurado pelos pioneiros Gaston Pineau, no Canadá, Bernadette Courtois e Guy Bonvalot, na França, Marie-Christine Josso e Pierre Dominicé, na Suíça, Guy de Villers, na Bélgica, António Nóvoa, em Portugal (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 375).

Nóvoa (2007) destaca sobre a abordagem (auto)biográfica que “[...] progressivamente, a atenção exclusiva às práticas de ensino tem vindo a ser completada por um olhar sobre a vida e a pessoa do professor” (NÓVOA, 2007, p. 15). A vida e a obra de Shinichi Suzuki inspiram a cada dia, milhares de professores que buscam ser um bom profissional e uma boa pessoa, contribuindo para um mundo onde as pessoas se respeitem antes de tocar um instrumento ou atuar em qualquer outra profissão.

A formação continuada e a capacitação de professores Suzuki

Partindo da confirmação de Sacristán e Gómez (1998) sobre o que deve ser um educador que busca a formação continuada, “[...] o docente é o profissional interessado e capacitado para provocar a reconstrução do conhecimento experiencial que os alunos adquirem na sua vida” (SACRISTÁN, GÓMEZ, 1998, p. 353). Um professor Suzuki vai muito mais além da educação musical propriamente dita. Ele incita o aluno a raciocinar motivando-o a buscar respostas para suas dificuldades, desenvolvendo a habilidade de resolução de problemas, é um mediador nesse processo.

Nóvoa (1992) cita que é na formação de professores que se produz a profissão docente. Mais do que um lugar de aquisição de técnicas e de conhecimentos, a formação de professores é o momento-chave da socialização e da configuração profissional.

Práticas de formação contínua organizadas em torno dos professores individuais podem ser úteis para a aquisição de conhecimentos e de técnicas, mas favorecem o isolamento e reforçam uma imagem dos professores como transmissores de um saber produzido no exterior da profissão. Práticas de formação que tomem como referência as dimensões coletivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores (NÓVOA, 1992, p. 15).

O objetivo da formação, segundo Nóvoa (1992), não é acumular conhecimentos, mas propor uma reflexão crítica sobre as práticas e uma reconstrução permanente da identidade do professor.

Local da Pesquisa

O local da pesquisa é no Estúdio Suzuki de Música, na cidade Boa Vista – Roraima. Esse estúdio surgiu da minha necessidade de colocar em prática os ensinamentos aprendidos nas capacitações Suzuki realizadas desde novembro de 2015.

Procedimentos de Coleta

Dentro da metodologia Suzuki é comum gravar as aulas para que sejam analisadas depois por nós professores, nos grupos de referência que fazemos parte, socializando as aulas e trocando material seja ele impresso, sugestional, lúdico, que envolvam a nossa capacidade de professores de manter o entusiasmo no aluno. Esse material áudio visual é também usado nos cursos de Estratégias de Ensino, nas capacitações Suzuki dentro e fora do Brasil, visando avaliar de forma reflexiva e em grupo os procedimentos didáticos proposto nas aulas.

Contribuição da Pesquisa

Ao final desta pesquisa, a qual considera-se de relevante importância para Educação Musical, acreditamos proporcionar reflexões sobre a formação do professor e sua ação, como profissional e como pessoa. Valorizar a história de vida de um educador que aprendeu, por meio das histórias de outras vidas, a melhorar sua prática pedagógica e a socializar com outras pessoas, professores, pais, alunos, suas experiências. Com o intuito de fazer do processo de

ensino e de aprendizagem um percurso prazeroso e de qualidade, se espera que todos possam construir juntos para uma educação mais humanitária.

Referências

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vidas de professores: a questão da subjetividade. *Educação e pesquisa*. São Paulo, v.2, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11653.pdf>>. Acesso em: 18 Abr. 2018.

BRESLER, Liora. Metodologias qualitativas de investigação em educação musical. In: *Música, Psicologia e Educação*. Revista do Centro de Investigação em Psicologia da Música e educação Musical – CIPEM. Escola Superior de Educação do Porto. Portugal, 2000.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação. *Educ. rev.* [online]. 2011, vol.27, n.1, pp.333-346. ISSN 0102-4698. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982011000100015>> Acesso: Abr. 2018

FABRE, Michael. Fazer de sua vida uma obra. *Educação em Revista | Belo Horizonte | v.27 | n.01 | p.347-368 | abr. 2011*. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100016> Acesso em: 7 de Abr. 2018.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; SIMÃO, Ana Margarida da Veiga. Abordagem (auto)biográfica – narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 198-206, maio/ago. 2011. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/8705/6357>> Acesso em: 16 Abr. 2018.

GRABRIEL, Gilvete de Lima. *Narrativa autobiográfica como prática de formação continuada e de atualização de SI: os grupos-referência e o grupo reflexivo na mediação da constituição identitária do docente*. 1 ed. Curitiba. CRV. 2011.

NÓVOA, Antônio. (Org.) *Vida de professores*. Porto Editora. 2 ed. Porto – Portugal. 2007.

_____. *Formação de professores e profissão docente*. 1992. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/4758>> Acesso em: 14 Dez, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). Pesquisa (auto)biográfica: narrativas de si e formação. Curitiba: CRV, 2011, 265 p. Disponível em: < <http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/44365>> Acesso em: 16 Abr. 2018.

PENNA, M. A. Método Suzuki em Santa Maria, um resgate histórico quanto a repercussão e sua evolução. V.1, Santa Maria: UFSM & AETSMa, 1998^a.

SACRISTÁN, J. Gimeno, PÈREZ GÓMEZ, A. I. Compreender e transformar o ensino. Tradução Ernani F. da Fonseca Rosa. 4 ed. Artmed, 1998.

SANTOS. Boaventura de Souza. Transição Paradigmática: da regulamentação a emancipação. Centro de Estudos Sociais de Coimbra. N.25. 1991. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/10932/1/A%20Transi%20Paradigm%20tica.pdf>> Acesso em: 16 Abr. 2018.

SUZUKI, Shinichi. Educação é amor: o método clássico da educação do talento. Trad. Anne Corina Gottberg. 3. ed. rev. – Santa Maria. 2008